

Carta do Gestor

Institucional

JULHO 2025

SUMÁRIO

CENÁRIO ECONÔMICO:

BRASIL: Ata do Copom reforçou a necessidade de esfriamento da atividade para o processo desinflacionário.

EUA: Inflação nos EUA teve leitura com sinais mistos em janeiro.

EUROPA: Inflação de janeiro na Área do Euro reforçou a perspectiva de mais cortes de juros.

PROJEÇÕES: Projeções da Bradesco Asset para os principais indicadores macroeconômicos.

RENDA FIXA: No Brasil, o Banco Central decidiu elevar pela sétima reunião consecutiva a taxa Selic para o patamar de 15,00% ano.

RENDA VARIÁVEL: O índice global de ações (MSCI World ACW) atingiu um novo recorde histórico, assim como o S&P 500.

MULTIMERCADO: Retorno dos principais índices e desempenho dos fundos multimercado.

CENÁRIO MACROECONÔMICO



BRASIL

O Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa de Selic em 25 pb, para 15%.

Divergindo da nossa expectativa, mas em linha com a precificação de mercado, que indicava maior probabilidade de uma alta de juros, o Copom elevou a Selic em 25pb e indicou interrupção no ciclo de alta. No comunicado após a decisão, o Banco Central avaliou que o ambiente externo segue adverso, com incertezas sobre a política econômica dos EUA, especialmente em relação ao comércio e à situação fiscal. No cenário doméstico, o Copom observou moderação no crescimento da atividade e do mercado de trabalho, porém pontuou certa resiliência de ambos. A inflação corrente permanece elevada, com projeções acima da meta (3,6% para o final de 2026), e o balanço de riscos segue simétrico, com fatores internos e externos pressionando os preços em direções opostas. A ata da reunião reforçou a cautela da política monetária e justificou a elevação da Selic com base na resiliência da atividade econômica. O Comitê destacou, no entanto, que os efeitos defasados do aperto monetário ainda estão em curso e devem se intensificar, contribuindo para a moderação da atividade. Também foram mencionados sinais de desaceleração no crédito e desconforto com a desancoragem das expectativas de inflação, cujos núcleos persistem acima da meta. Diante disso, o Copom indicou que a taxa de juros será mantida em patamar contracionista por período prolongado, com foco na convergência da inflação à meta.

Prévia da inflação de junho mostra alívio, com recuo em alimentação e núcleos. A leitura do IPCA-15 de junho veio abaixo do esperado, com avanço de 0,26% no mês frente à mediana das projeções de mercado, que apontava para 0,30%. Em relação aos núcleos calculados pelo Banco Central, houve moderação disseminada. A média móvel de três meses com ajuste sazonal e anualizada recuou de 5,6% no IPCA-15 anterior para 5,0%. Os serviços subjacentes desaceleraram de 7,3% para 6,1%, enquanto os bens industrializados

CENÁRIO MACROECONÔMICO



BRASIL

passaram de 4,5% para 3,8%. Apesar do nível ainda elevado de alguns núcleos, a maioria dos indicadores apresentou comportamento favorável, reforçando o cenário de desinflação.

Atividade econômica iniciou o segundo trimestre com moderação. O IBC-Br, Índice de Atividade Econômica do Banco Central, avançou 0,2% na passagem de março para abril. Em comparação com o mesmo mês de 2024, o indicador subiu 2,5%. A maior contribuição positiva veio de serviços (0,4%), seguida por impostos (0,6%), que mais do que compensaram os recuos da agropecuária (-0,9%), após um 1º trimestre forte, e da indústria (-1,1%). Em termos de carrego, o dado de abril representa alta de 0,8% em relação ao 1º trimestre. Vale destacar que o setor de serviços tem sido favorecido pela resiliência do mercado de trabalho e pela lenta moderação das concessões de crédito. Ainda assim, esperamos desaceleração mais clara da atividade nos próximos meses.

CENÁRIO MACROECONÔMICO



EUA

Fed manteve a taxa de juros no intervalo entre 4,25% e 4,50%, conforme as expectativas. No comunicado após a decisão, o comitê de política monetária (FOMC) destacou a expansão sólida da atividade econômica, a resiliência do mercado de trabalho que se mantém aquecido e a inflação relativamente alta. O Fed apontou que a incerteza acerca do cenário econômico teve redução, mas se mostrou atento ao balanço de riscos. Em relação às projeções, houve revisão altista para inflação e baixista para o crescimento. A projeção para o núcleo de inflação em 2025 foi elevada de 2,8% para 3,1%, e subiu para 2,2% e 2,0% em 2026 e 2027, respectivamente. Em relação ao mercado de trabalho, houve ligeiro aumento da expectativa da taxa de desemprego para este ano (de 4,4% para 4,5%), enquanto as perspectivas para os dois próximos anos aumentaram para 4,5% e 4,4%, nessa ordem. O Fed reduziu suas projeções do avanço do PIB para 2025 (de 1,7% e 1,4%) e 2026 (de 1,8% e para 1,6%), mas manteve igual a projeção em 1,8% para 2027. Embora a média das projeções tenha aumentado, a mediana das projeções para os juros não foi alterada, ainda apontando 50 pb de corte nesse ano, em linha com a nossa expectativa.

Mercado de trabalho nos EUA permaneceu sólido em maio. No mês passado, o número de vagas criadas chegou a 139 mil, ante a expectativa de geração de 126 mil. A série sofreu revisão baixista e a média móvel de três meses encontra-se em 135 mil vagas, abaixo do ritmo da virada do ano (acima de 200 mil vagas), o que corrobora o cenário de esfriamento da economia. Entre os setores, o destaque é novamente para saúde e educação, que juntos representaram mais de 60% da criação de vagas. A taxa de desemprego, por sua vez, se manteve em 4,2%, enquanto os salários avançaram 0,4% na margem, acumulando alta de 3,9% em 12 meses. De forma geral, o relatório de emprego de maio fortalece o cenário de cautela do Fed no ciclo de cortes no curto prazo. De forma geral, o relatório de emprego de maio fortalece o cenário de cautela do Fed no ciclo de cortes no curto prazo.

CENÁRIO MACROECONÔMICO



EUROPA

Banco Central Europeu reduziu os juros em 25 bp, levando a taxa de depósito para **2,00%, dentro do esperado**. A mensagem trazida tanto no comunicado, como na coletiva de imprensa na sequência da decisão, é de que os juros estão em níveis adequados neste momento, para navegar o ambiente atual de incerteza

CENÁRIO MACROECONÔMICO



GLOBAL

A atividade econômica global manteve-se em expansão moderada em junho, com sinais mistos entre as principais economias desenvolvidas. Nos Estados Unidos, na leitura prévia do índice PMI composto recuou levemente de 53,0 para 52,8 pontos entre maio e junho, refletindo uma desaceleração no setor de serviços. Em contrapartida, a indústria mostrou sinais de recuperação, com o PMI de manufatura mantendo-se em 52,0 pontos. O avanço da atividade foi impulsionado pela demanda doméstica, mas limitado pela queda das exportações e pelo impacto das tarifas, que pressionaram os preços, especialmente no setor industrial. Já na Área do Euro, o PMI composto manteve-se estável em 50,2 pontos no período, segundo prévia do indicador. A indústria alemã surpreendeu positivamente, com retomada da produção e aumento das encomendas externas pela primeira vez em mais de três anos. Em contraste, a França apresentou desempenho mais fraco, com nova retração da atividade e queda no emprego. Olhando à frente, o cenário permanece marcado por incertezas, como os conflitos geopolíticos, o aumento dos gastos na Europa, a questão das tarifas e os riscos inflacionários nos EUA.

PROJEÇÕES BRADESCO ASSET MANAGEMENT

PIB

2025	2,20%
2026	2,00%

SELIC

2025	15,00%
2026	13,00%

IPCA

2025	5,00%
2026	4,50%

DÓLAR

2025	5,60
2026	5,70

PERSPECTIVAS RENDA FIXA

O mês de junho consolidou-se como mais um vetor positivo no processo de recuperação dos ativos de risco no Brasil ao longo de 2025.

No entanto, essa trajetória foi caracterizada por elevada volatilidade, refletindo a persistência de incertezas significativas nos âmbitos macroeconômico e geopolítico. No Brasil, o Banco Central decidiu elevar pela sétima reunião consecutiva a taxa Selic para o patamar de 15,00% ao ano. O Copom reforçou o tom duro da decisão, destacando a resiliência da atividade, com dados de inflação acima da meta, e expectativas desancoradas. Na nossa visão, apesar de deixar a porta aberta para novas altas, o Banco Central deve ter chegado ao fim do ciclo de alta de juros. No entanto, o Comitê reforçou que os efeitos defasados da política monetária ainda estão em curso, e devem se intensificar nos próximos trimestres, contribuindo para a esperada moderação da atividade. Dessa forma, foi reiterado a necessidade de a política monetária permanecer em patamar significativamente contracionista por um período prolongado para assegurar a convergência da inflação à meta. Nessa perspectiva, nosso cenário base contempla taxa de juros paralisada no atual patamar até o segundo trimestre de 2026. Nessa linha, os dados de atividade têm reforçado que o ciclo de queda de juros deve demorar ainda a ocorrer, respeitando a sinalização atual do Banco Central. O IBC-Br, Índice de Atividade Econômica do Banco Central, avançou em abril 0,2% no mês, sendo a maior contribuição positiva da parcela de serviços, alavancado pela dinâmica forte do mercado de trabalho no país. No mesmo sentido, os dados divulgados da PNAD reforçaram que o mercado de trabalho continua aquecido, com novo recuo na taxa de desemprego. Por outro lado, a prévia da inflação de junho mostrou alívio, com recuo em alimentação e núcleos. Em suma, ao longo do mês de junho, as curvas de juros encerram com abertura na parte curta, e fechamento nos vértices intermediários e longos. Com isso, observamos resultados positivos para os ativos da renda fixa com maior duration, tanto na parcela de juros nominais (IRFM1+) quanto de juros de reais (IMA-B5+).

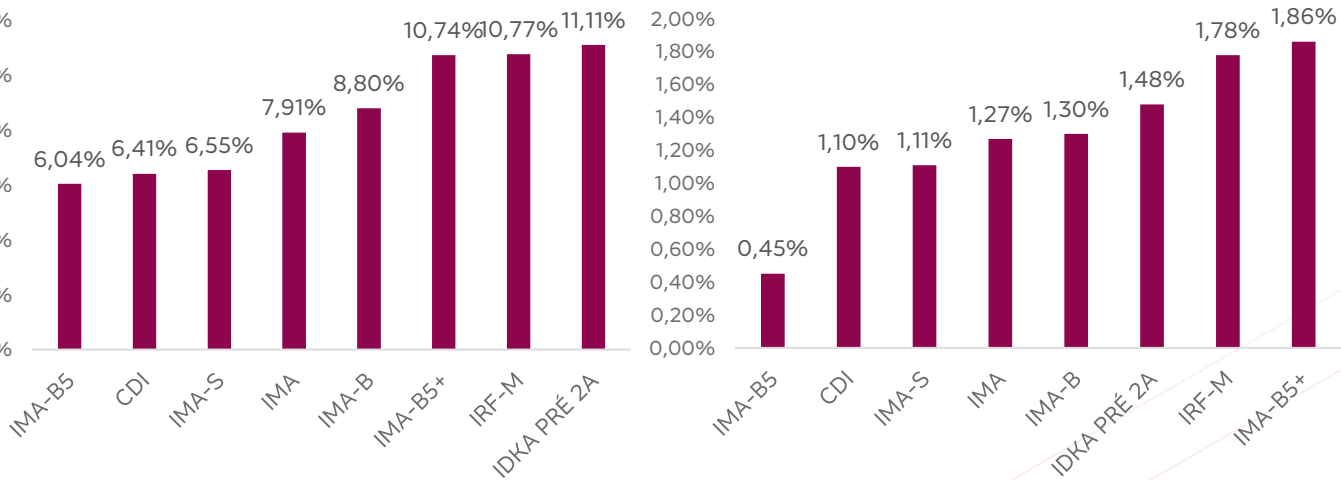
PERSPECTIVAS RENDA FIXA

Na parcela de crédito, continuamos a observar fechamento do spread de papéis corporativos e bancários, ressaltando a boa performance no mês para o IDA-DI. O real também apresentou uma boa performance no período, influenciado principalmente pela dinâmica de dólar fraco ao redor do mundo. No mercado global, o Fed decidiu por manter a taxa de juros no patamar atual de 4,25-4,50%. No entanto, chamou a atenção do mercado a fala de alguns diretores, que sinalizaram a possibilidade do início do ciclo de queda de juros nas próximas reuniões. Além disso, os ativos de risco no país também foram influenciados pela melhor perspectiva da concretização de um acordo comercial entre Estados Unidos e China. Dessa forma, o S&P500 e as treasuries tiveram bons rendimentos no mês. Olhando à frente, como temos destacado, historicamente, os momentos de ciclos de pausas do Copom, que antecedem movimentos de quedas de juros são positivos para os ativos de renda fixa. Nos ciclos de pausas em 2015, 2018 e 2022, pudemos observar o bom rendimento dos títulos atrelados a inflação e prefixados, com o IMA-B, o IRF-M e o IMA-G, superando o CDI em todo o período em que a Selic se manteve estável. Com isso, carregamos uma visão otimista para a classe de ativos de renda fixa.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA FIXA

ANO

MÊS



DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Renda Fixa Bond

O Banco Central decidiu elevar pela sétima reunião consecutiva a taxa Selic para o patamar de 15,00% ao ano. O Copom reforçou o tom duro da decisão, destacando a resiliência da atividade, com dados de inflação acima da meta, e expectativas desancoradas. Na nossa visão, apesar de deixar a porta aberta para novas altas, o Banco Central deve ter chegado ao fim do ciclo de alta de juros. Ao longo do mês, a curva de juros nominal e real encerraram com abertura na parte curta, e fechamento nos vértices intermediários e longos. Nesse cenário, o fundo mostrou um desempenho positivo e superior ao CDI. Como destaque positivo, podemos elencar as posições aplicadas em juros nominais com prazos superiores a 3 anos. Vale destacar que continuamos a monitorar oportunidades de mercado para mudanças no nível de risco.

Crédito Privado Performance Institucional

Em junho, o mercado de crédito privado teve desempenho positivo, dado o arrefecimento dos spreads para os menores níveis dos últimos meses. Com as taxas atuais mais comprimidas, tanto no segmento corporativo, quanto no bancário, continuamos trabalhando com uma postura cautelosa e seletiva na alocação de capital. De certa forma, notamos que o mercado migrou uma parte do fluxo de DI e crédito bancário para ativos de maior risco, na busca de um yield mais elevado. Entretanto, na nossa visão, os preços estão abaixo de um valor justo, o que não justifica um aumento da posição de crédito nos books do fundo. O fundo, que emprega uma estratégia voltada para o crédito privado destinado ao público Institucional, registrou um desempenho positivo e superior ao CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, além de Aura Almas Mineração, Transmissora Aliança, Assaí e CM Hospital. Apesar da redução do ritmo de compras de papéis de crédito, seguimos de forma cautelosa à procura de boas oportunidades nos mercados primários e secundários. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 65% de crédito, com uma carteira balanceada entre papéis corporativos e bancários de alta qualidade. Agora

Juro Real

Em junho, o mercado doméstico foi pautado pelas expectativas em torno das decisões do Banco Central na condução da política monetária. Pela sétima vez consecutiva, o Copom decidiu por uma elevação de 25 pontos-base na Selic, levando a taxa básica de juros ao patamar de 15% ao ano. Essa decisão foi sustentada pela resiliência da atividade econômica, com o PIB projetado para crescer 2,1% em 2025, e por pressões inflacionárias persistentes, mesmo diante de sinais recentes de desaceleração. O mês também foi marcado por indicadores de inflação mais brandos. O IGP-M recuou 1,67%, surpreendendo o mercado e reforçando a percepção de alívio inflacionário, especialmente no atacado.

O IPCA-15, considerado uma prévia da inflação oficial, também apresentou desaceleração, com alta de apenas 0,26%. Diante desse cenário, os vértices mais curtos da curva de juros apresentaram abertura, refletindo a elevação da Selic e a inflação mais controlada no curto prazo. Em contrapartida, o tom mais duro do Banco Central, ao sinalizar a manutenção da política monetária restritiva por um período prolongado, trouxe alívio aos vértices mais longos, que registraram fechamento expressivo, tanto nos juros reais quanto nominais. Assim, no mês, os ativos de renda fixa de curto prazo apresentaram retornos positivos, porém inferiores ao CDI, enquanto os vértices mais longos, beneficiados pelo nível de carregamento e fechamento da curva, superaram o custo de oportunidade. Olhando à frente, como temos destacado, ciclos de pausa na Selic historicamente favorecem os ativos de renda fixa. Em 2015, 2018 e 2022, os títulos atrelados à inflação e prefixados — como IMA-B, IRF-M e IMA-G — superaram o CDI durante os períodos de estabilidade da taxa básica. Com isso, mantemos uma visão otimista para a classe de renda fixa, especialmente diante da possibilidade de que o atual ciclo de aperto esteja próximo do fim, caso a tendência de desaceleração inflacionária se consolide.

Crédito Privado IE Yield Explorer

No mercado offshore, o mês foi de redução de riscos no mercado global. O CDS Brasil teve uma performance boa no mês chegando a 142bps, no nível próximo ao de novembro pré pacote fiscal. O spread corporativo fechou alguns bps no mês na parte mais curta da curva, mas ainda acima dos níveis do ano passado. Estamos mais construtivos com bonds BZ, parte por também um call macro de maior apetite por risco Brasil. O fundo com exposição a ativos corporativos brasileiros emitidos no exterior obteve desempenho positivo em junho e acima do CDI.

DI Premium

Em junho, o mercado de crédito privado teve desempenho positivo, dado o

arrefecimento dos spreads para os menores níveis dos últimos meses. Com as taxas atuais mais comprimidas, tanto no segmento corporativo, quanto no bancário, continuamos trabalhando com uma postura cautelosa e seletiva na alocação de capital. De certa forma, notamos que o mercado migrou uma parte do fluxo de DI e crédito bancário para ativos de maior risco, na busca de um yield mais elevado. Entretanto, na nossa visão, os preços estão abaixo de um valor justo, o que não justifica um aumento da posição de crédito nos books do fundo. Nesse cenário, o fundo referenciado DI Premium alcançou um resultado positivo e em linha com o CDI no mês de junho. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Bradesco, Itaú e Santander, e empresas como Cielo, Nova Transportadora do Sudeste, Sabesp e Eurofarma. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Seguimos, com maior cautela, à procura de boas oportunidades no mercado primário e secundário, a fim de incorporar a carteira de crédito, que hoje representa aproximadamente 40% do portfólio.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

Junho acrescentou mais um capítulo a um trimestre de recuperação dos ativos de risco de forma geral.

A trajetória foi volátil, marcada por diversas incertezas relevantes. O índice global de ações (MSCI World ACWI) atingiu um novo recorde histórico, assim como o S&P 500. O Ibovespa também teve performance positiva, e segue como destaque entre as principais classes de ativos locais. No cenário local, tivemos sinais mais positivos para a inflação, dando confiança de que o ciclo de aumento de juros está encerrado. O principal risco segue sendo o fiscal, e a eleição, a principal oportunidade. No cenário externo, os dados recentes aumentaram a probabilidade de um primeiro corte de juros em Setembro, o que seria positivo para ativos de risco e favoreceria um USD mais fraco. Nesse contexto, embora mantenhamos uma postura cautelosa em relação ao cenário local, o cenário externo deve continuar sendo o principal driver para o desempenho da bolsa. Em nossos portfólios, seguimos com menor exposição a empresas ligadas a commodities, devido ao risco de desaceleração da atividade global e ao risco de aumento da oferta. Priorizamos empresas voltadas à economia doméstica, com capacidade de repasse de preços, além de companhias descontadas que podem se beneficiar do fechamento da taxa de juros real. Podemos estar em pleno ciclo de estabilidade da taxa Selic, com perspectiva de cortes à frente, o que justifica um processo gradual de redução do conservadorismo que norteou nossa visão nos últimos anos. É importante destacar que os prêmios, apesar de menores, seguem elevados em diversos setores e o posicionamento dos investidores segue em um dos níveis mais baixos da série histórica.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA VARIÁVEL

	JUNHO	2025	12 MESES	24 MESES	36 MESES
S&P 500 USD	4,96%	5,50%	13,63%	39,43%	63,92%
MSCI WORLD USD	4,22%	8,59%	14,66%	35,72%	58,14%
IDIV	1,76%	13,71%	14,64%	28,50%	51,28%
IBOVESPA	1,33%	15,44%	12,06%	17,59%	40,91%
SMALL CAPS	1,04%	26,43%	11,31%	-2,00%	17,40%
IBRX100	1,37%	15,23%	12,11%	18,37%	39,21%

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE AÇÕES

Estratégia Crescimento

A estratégia Mid Small Caps/Sequoia teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Varejo, Imobiliário e Bens de Capital & Serviços. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Educação, Saúde e Energia. Aumentamos a exposição em Consumo, Varejo e Saúde, reduzindo em Energia, Mineração & Siderurgia e Papel, Celulose & Madeira. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Imobiliário e Varejo.

Estratégia Dividendos

A estratégia Dividendos/Centurion teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Bancos e Bens de

Capital & Serviços. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Logística, Transporte & Infraestrutura e Papel, Celulose & Madeira. Aumentamos a exposição em Consumo, Bancos e Mineração & Siderurgia, reduzindo em Utilidades Públicas, Tecnologia, Mídia & Telecom e Serviços Financeiros. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Bancos, Utilidades Públicas e Energia.

Selection Ações

A estratégia Selection teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Imobiliário, Utilidades Públicas e Bens de Capital & Serviços. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Saúde, Bancos e Varejo. Aumentamos a exposição em Consumo, Bens de Capital & Serviços e Energia, reduzindo em Imobiliário, Mineração & Siderurgia e Saúde. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Energia, Imobiliário e Bens de Capital & Serviços.

Institucional Ibrx Alpha Ações

A estratégia IBrX teve desempenho positivo e acima do IBrX em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Bens de Capital & Serviços e Bancos. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Saúde e Utilidades Públicas. Aumentamos a exposição em Consumo, Saúde e Serviços Financeiros, reduzindo em Bancos, Utilidades Públicas e Tecnologia, Mídia & Telecom. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Bancos, Energia e Utilidades Públicas.

Global Ações IE

O fundo Bradesco Global FIA teve retorno positivo e acima do MCSI World ACWI em junho. O destaque positivo para alocação no

Estados Unidos e nos setores de tecnologia e comunicação. Mantemos nossa visão construtiva para Estados Unidos, porém com menor intensidade. Os dados de inflação nos EUA vieram um pouco mais controlados em junho, o que ajudou a melhorar a confiança do consumidor. Diante disso, o Fed optou por manter a taxa de juros estável, aguardando novos sinais da economia. O mercado reagiu positivamente, refletindo maior otimismo com a possibilidade de um pouso suave da economia americana.

Long AND Short Multimercado

A estratégia Long and Short teve desempenho positivo e em linha com o CDI em junho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Imobiliário e Tecnologia, Mídia & Telecom. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Bancos, Educação e Papel, Celulose & Madeira. Aumentamos a exposição em Tecnologia, Mídia & Telecom, Energia e Saúde, reduzindo em Imobiliário, Logística, Transporte & Infraestrutura e Varejo. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Tecnologia, Mídia & Telecom, Utilidades Públicas e Imobiliário. Estamos com exposição vendida em Brasil e no Exterior.

Multigestores Max

A estratégia quantitativa Família Alocação apresentou resultados em linha com os perfis de risco. No mês e no ano, nos chama a atenção a magnitude observada na abertura da taxa de juros dos ativos atrelados a inflação, enquanto os vértices mais curtos abriram pouco mais de 250 pontos, os mais longos abriram aproximadamente 200 pontos, refletindo os resultados negativos. Este movimento é reflexo da manutenção de um plano fiscal expansionista o qual conflita com o atual ciclo de

juros domésticos, pressiona os ativos domésticos. Este ciclo de contração monetária é vinculado a expectativa de inflação fora da meta, bem como a atual desvalorização da moeda doméstica, a qual, também pressiona a inflação para os modelos do banco central. Para as economias globais o centro das atenções está voltado as políticas que serão conduzidas pelo presidente Trump, condicionando, também, a intensificação das políticas de barreiras tarifárias trarão volatilidade a moeda americana. Neste mês, observamos uma expressiva correção dos ativos domésticos, a parcela de renda variável local e os ativos de renda fixa, tanto os juros reais quanto nominais subtraíram valor a carteira. Os ativos globais apresentaram uma pequena correção, também refletindo resultados negativos no mês, repercutindo parte da abertura da taxa de juros americana. A parcela defensiva da carteira com exposição cambial protegeu parte dos resultados no período. Os portfólios seguem diversificados de acordo com seu perfil de risco.

ÍNDICES DE MERCADO

RETORNO DOS DIVERSOS ÍNDICES DE MERCADO

	2025	2024	2023	2022	2021	2020	2019	2018	2017	2016	ACUM. a.a.
DÓLAR	OURO	OURO	S&P 500	IHFA	S&P 500	OURO	IBX	DÓLAR	IBX	Ibovespa	IBX
5,38%	25,86%	59,64%	24,23%	13,57%	26,89%	55,93%	33,39%	17,13%	27,55%	38,94%	223,88% 12,52%
S&P 500	Ibovespa	DÓLAR	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	DÓLAR	Ibovespa	OURO	Ibovespa	IBX	Ibovespa
4,96%	15,44%	27,91%	22,28%	12,74%	7,39%	28,93%	31,58%	16,93%	26,86%	36,70%	220,31% 12,40%
IRF-M	IBX	S&P 500	IBX	CDI	IMA-S	S&P 500	S&P 500	IBX	S&P 500	IMA-B	OURO
1,78%	15,23%	23,31%	21,27%	12,39%	4,67%	16,26%	28,88%	15,42%	19,42%	24,81%	211,29% 12,08%
IHFA	DÓLAR	IMA-S	IRF-M	IRF-M	OURO	IRF-M	OURO	Ibovespa	IRF-M	IRF-M	S&P 500
1,55%	13,64%	11,11%	16,51%	8,82%	4,43%	6,69%	28,10%	15,03%	15,20%	23,37%	203,58% 11,79%
IBX	IRF-M	CDI	IMA-B	IMA-B	CDI	IMA-B	IMA-B	IMA-B	OURO	IHFA	IMA-B
1,37%	10,77%	10,83%	16,05%	6,37%	4,42%	6,41%	22,95%	13,06%	13,89%	15,87%	169,39% 10,46%
Ibovespa	IMA-B	IHFA	IMA-S	Ibovespa	IHFA	IHFA	IRF-M	IRF-M	IMA-B	CDI	IRF-M
1,33%	8,80%	5,65%	13,25%	4,69%	1,79%	5,27%	12,03%	10,73%	12,79%	14,00%	163,74% 10,23%
IMA-B	IHFA	IRF-M	CDI	IBX	IMA-B	IBX	IHFA	IHFA	IHFA	IMA-S	IHFA
1,30%	7,79%	1,86%	12,99%	4,02%	-1,26%	3,50%	11,12%	7,09%	12,41%	13,84%	136,34% 9,02%
IMA-S	IMA-S	IMA-B	IHFA	DÓLAR	IRF-M	Ibovespa	IMA-S	CDI	IMA-S	S&P 500	IMA-S
1,11%	6,55%	-2,44%	9,27%	-6,50%	-1,99%	2,92%	5,99%	6,42%	10,16%	9,54%	129,14% 8,68%
CDI	CDI	IBX	OURO	OURO	IBX	CDI	CDI	IMA-S	CDI	OURO	CDI
1,10%	6,41%	-9,71%	-5,96%	-8,48%	-11,17%	2,76%	5,96%	6,42%	9,93%	-12,32%	127,30% 8,59%
OURO	S&P 500	Ibovespa	DÓLAR	S&P 500	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	S&P 500	DÓLAR	DÓLAR	DÓLAR
0,42%	5,50%	-10,36%	-7,21%	-19,44%	-11,93%	2,39%	4,02%	-6,24%	1,50%	-16,54%	-27,09% -3,12%

Mídias Sociais

Quer acompanhar a indústria de fundos e ficar por dentro das novidades?

Acompanhe os nossos vídeos no



Bradesco Asset Management

Siga o nosso perfil no



@bradesco.asset

Siga nossa página no



Bradesco Asset Management

Acesse o nosso



Site

bram.bradesco

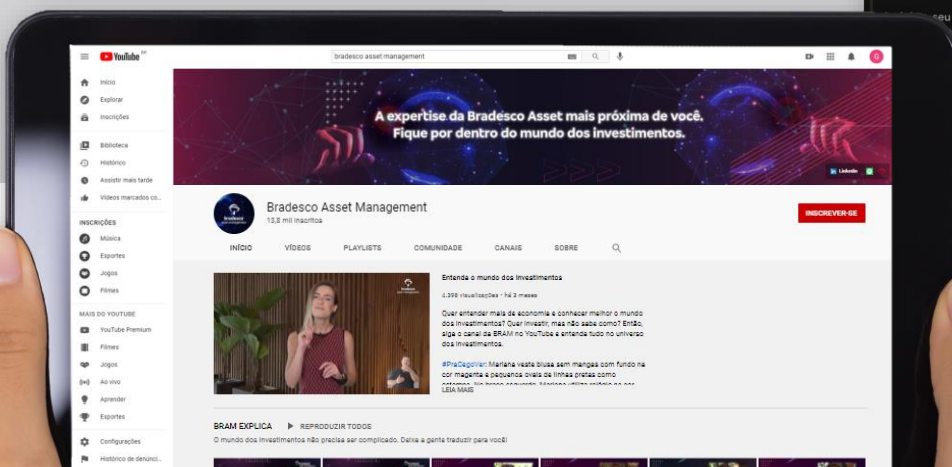
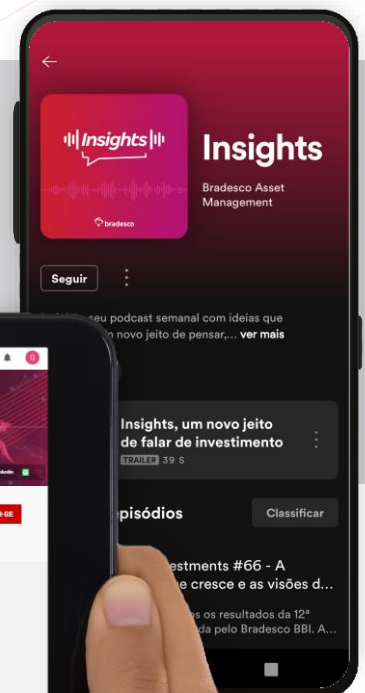


Ouçá nossos gestores e analistas no

Podcast Insights

no **Spotify** ou na plataforma de sua preferência

Toda semana, trazemos assuntos em alta com análises econômicas e amplo conteúdo de fundos.



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Material de divulgação produzido pela Bradesco Asset Management, departamento responsável pela atividade de gestão de recursos de terceiros do Banco Bradesco S.A. As opiniões, estimativas e previsões apresentadas neste relatório constituem o nosso julgamento e estão sujeitas a mudanças sem aviso prévio, assim como as perspectivas para os mercados financeiros, que são baseadas nas condições atuais de mercado. Acreditamos que as informações apresentadas aqui são confiáveis, mas não garantimos a sua exatidão e informamos que podem estar apresentadas de maneira resumida. Este material não tem intenção de ser uma oferta ou solicitação de compra ou venda de qualquer instrumento financeiro. Os comentários de gestão dos fundos de investimento espelho não foram produzidos pela Bradesco Asset Management e sim enviado pelos gestores terceiros. A Bradesco Asset Management não se responsabiliza pelas informações. O comentário de gestão refere-se ao fundo investido. ANTES DE INVESTIR, LEIA A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS ,SE HOUVER, ASSIM COMO O REGULAMENTO, ANEXO E APÊNDICE, CONFORME O CASO. Acesse os documentos em www.bradesco.com.br. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Descrição do Tipo ANBIMA disponível no Formulário de Informações Complementares.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022 | **SAC – Alô Bradesco:** 0800 704 8383 | SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099 | Ouvidoria: 0800 727 9933. bram@bram.bradesco.com.br | bram.bradesco. **Assessoria de Investimentos:** Capitais e regiões metropolitanas: 4020 1414 | Demais localidades: 0800 704 1414 – **Em dias úteis, das 8h às 19h – horário de Brasília**